

A REVOLUÇÃO FEDERALISTA EM SANTA CLARA DO SUL - UM ESTUDO DE CASO (1893-1895)¹

THE FEDERALIST REVOLUTION IN SANTA CLARA DO SUL - A STUDY OF THE CASE (1893 - 1895)

Carmem Lúcia Weber Castro²

Maria Medianeira Padoin³

RESUMO

Na Revolução Federalista de 1893-1895, nas terras de Santa Clara do Sul, antigo distrito de Lajeado, a batalha do dia 28 de maio de 1895 tornou-se um símbolo de heroísmo do imigrante alemão e um exemplo de defesa e vitória das idéias de progresso e da ordem no Rio Grande do Sul. Essa luta entre os imigrantes e os maragatos ervateiros demonstra a instabilidade e as contradições da organização agrária no Rio Grande do Sul, delimitadas desde o Segundo Império e que começaram a consolidar-se com a intensificação do projeto positivista do PRR, o qual fica explícito, de forma localista e/ou regional, na Revolução Federalista.

Palavras-chave: revolução federalista, imigrantes, organização agrária.

ABSTRACT

The Federalist Revolution of 1893 - 95, in the lands of Santa Clara do Sul, old district of Lajeado, in which the battle of May 28, 1895 became a symbol of the heroism of the German immigrant and an example of defence and victory of the ideas of progress and order in Rio Grande do Sul. This fight between the immigrants and the tea Maragatos comes to demonstrate the instability and the contradictions of the agrarian organization in Rio Grande do Sul, delimited since the 2nd Empire and that, itself consolidates with the intensification of the positivist project of the PRR, which is explicit, in a local and/or regional manner, in the Federalist Revolution.

Key words: federalist revolution, immigrants, agrarian organization.

¹ Trabalho Final de Graduação.

² Curso de História - Licenciatura Plena. UNIFRA.

³ Orientador.

INTRODUÇÃO

A temática da Revolução Federalista (1893-1895), na produção historiográfica, revela preocupação, interesse e também esforço por parte dos historiadores em elucidar, cada vez mais, fatos que ainda possam parecer turvos para a sociedade. Para explicar melhor o acontecido, é preciso estar atento a fatos e minúcias não tão evidentes. Dessa forma, acredita-se que se deparou com pistas e indícios que podem colaborar no aprofundamento do estudo sobre a Revolução Federalista, especialmente na região de Santa Clara do Sul. Este artigo será desenvolvido em 3 etapas: A Revolução Federalista - uma revisão bibliográfica, Santa Clara do Sul no contexto da Revolução Federalista e 28 de maio de 1895- o combate histórico.

Nessas etapas, procurou-se analisar a história de um espaço social e regional- Santa Clara do Sul- no contexto da Revolução Federalista., explicar quem eram os maragatos serranos e seu contexto social; esclarecer os motivos que levaram os maragatos serranos a invadirem Santa Clara do Sul e analisar o que aconteceu no dia 28 de maio de 1895 na localidade.

A REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Pela revisão bibliográfica feita, afirma-se que a Revolução Federalista no RS foi, na verdade, a expressão de lutas internas na classe dominante rio-grandense, a qual se manifestou claramente na luta entre parte dos “coronéis”, representantes do mando local tradicional e o “novo” poder político estatal. Sabe-se, pelos estudos já realizados por outros historiadores, que a preocupação maior, em 1893, era com a parcela de autonomia dos poderes a serem concedidos, ou seja, a autonomia da esfera local e regional. Nesse quadro de lutas político- partidárias pela afirmação no poder é que surgem dois grupos políticos distintos, Gasparistas e Castilhistas, representados por duas figuras de grande carisma, Gaspar Silveira Martins e Júlio Prates de Castilhos. Ambos irão reivindicar para si a condição de herdeiros legítimos do poder no Rio Grande do Sul.

Gasparistas e Castilhistas foram duas tendências políticas com projetos políticos diferenciados. Enquanto os Gasparistas apresentavam-se como Parlamentaristas e Liberais, chamados de Maragatos ou Federalistas, os Castilhistas figuravam como Republicanos e Presidencialistas, também chamados de Legalistas, Pica-paus, e, posteriormente, de Chimangos.

O projeto político Castilhista era inspirado na doutrina do positivismo-comtiano, adaptado segundo os interesses do PRR, ou seja, um projeto que defendia a necessidade de um Estado autoritário, atuante, controlador da ordem para alcançar o progresso, conforme PESAVENTO (1988).

A ascensão dos Castilhistas ao poder com a República representou forte impacto na máquina burocrática do Estado e dos municípios. Era preciso preservar todo um esquema de favores e condescendências políticas que fora montado anteriormente para garantir e preservar clientelas eleitorais que irão legitimar no poder chefes e partidos políticos. Com o abalo desse esquema saem prejudicados os interesses de grandes estancieiros da fronteira que, acostumados à prática do comércio de contrabando, desenvolvido ao longo de duas fronteiras internacionais, irão precisar de favorecimentos, transigências e tolerâncias políticas e fiscais; estas conseguidas apenas com convívio pacífico e harmonioso com o poder Estadual.

Apesar das divergências ideológicas entre as frações dominantes do poder, um item mereceu grande destaque durante o governo provisório (Deodoro da Fonseca). Trata-se das reformas relativas à terra e colônias. Para o PRR, tanto a apropriação de terras que lhe garantissem o desenvolvimento da agricultura e agropecuária como a industrialização eram fatores fundamentais. Baseado nessas idéias, o Estado empenhou-se em reaver terras em regiões valorizadas, buscando com isso promover o desenvolvimento do capital. Também procurou privilegiar colonos que viessem espontaneamente por meio de companhias estrangeiras e particulares e que, com seus capitais, promovessem o desenvolvimento do Estado.

Tal política processava-se em detrimento tanto de pequenos proprietários nacionais como de estrangeiros que haviam entrado no Estado com a ajuda da colonização oficial. As terras consideradas “valiosas” eram intensamente fiscalizadas pelo Estado que, de posse destas, podia vendê-las a colonos e particulares. No entanto, essa política de legitimação e fiscalização que objetivava “moralizar” a administração das terras no RS deixou muito a desejar. Muitos foram os casos em que o Estado não respeitou o direito dos proprietários, motivo pelo qual teve que responder legalmente mais tarde por suas ações. Na mentalidade Castilhista, os impostos diretos deveriam sobressair-se aos indiretos. Baseados nesta convicção, pretendiam dificultar o acesso à terra por pessoas incapazes de fazê-la produzir, diminuindo com isso o número de fraudes e litígios.

Muitos foram os fatores que contribuíram para a eclosão da Revolução Federalista. Dentre eles destacam-se: a intolerância do chefe de Estado do RS, o senhor Júlio Prates de Castilhos, responsável pela Constituição do Estado, de 1891, que lhe conferiu poderes quase ditatoriais e a perda de espaço político pelos liberais revolucionários. Para Júlio de Castilhos, homem determinado, somente aos republicanos era permitido compartilhar o poder.

No início, por interesse do Presidente do Estado, a zona de colonização alemã foi poupada pela Revolução. Assegurar abastecimento alimentar

e provisões bem como o pagamento de impostos era objetivo de Júlio de Castilhos. Porém, esta situação não perdurou por muito tempo. A riqueza dos próprios vales do minifúndio agrícola não tardou em despertar interesse nos chefes políticos de ambos os partidos em luta. O vale do Rio dos Sinos contou com alguma proteção sendo menos envolvido na Revolução, isto deve-se também a sua proximidade com a capital. Tal sorte não teve porém a região do Vale do Taquari. Muitas são as razões que levaram a região mencionada a ter despertado a cobiça feroz dos combatentes. Entre elas, de acordo com FLORES (1995), a existência de um rio navegável, a fertilidade dos campos, ocupados por pequenos rebanhos, a densidade demográfica, superior à da campanha, e a proximidade com os ervateiros, grupos influentes politicamente na região.

Havia também razões regionais que favoreciam o envolvimento da região do Vale do Taquari na Revolução Federalista. Segundo SCHIERHOLT (1995, p.84-86), dentre as principais, destacam-se: 1) abuso de autoridade por parte do poder opressor de Júlio de Castilhos; 2) condições subumanas de homens e mulheres maltrapilhos que desciam a região do Alto Taquari em busca de paz e justiça, tentando derrubar o governo; 3) expulsão dos posseiros das primeiras sesmarias, que tiveram que se embrenhar no mato em busca de terras devolutas para poderem sobreviver. Esses eram os chamados "caboclos" que, sem título de propriedade, sem direitos de usucapião, não tinham o direito a nada; 4) cobiça dos especuladores lusos e alemães, serranos e ervateiros na região.

Todo o clima de animosidade envolvia o Vale do Taquari e, apesar dos esforços de lideranças políticas, empresários, padres e pastores do Vale em impedir que o clima revolucionário ocorresse, o confronto foi inevitável, apesar de adiado por quatro meses, pois no Vale do Taquari, a assimilação destes acontecimentos dava-se de forma lenta, uma vez que as notícias que lá chegavam vinham atrasadas e deturpadas.

Diante das circunstâncias, também o Vale do Taquari apresentou características comuns a outras localidades envolvidas na Revolução Federalista. Pode-se destacar: enquanto os Maragatos usavam armas de caça, pistolas e armas brancas, os soldados do Exército Nacional e da Brigada Militar e os voluntários usavam armas mais sofisticadas; unidade de comando em estratégias e operações eram características dos Castilhistas. Os ataques de surpresa, a heterogeneidade nas operações militares bem como a falta de unidade de combate e táticas de ataque caracterizavam os Federalistas. A prática da degola, amplamente usada por ambas as partes em conflito, revestia-se de características próprias como atos de vingança e castigo para inspirar terror nos adversários. Também atendia a problemas como: falta de espaço

para prender prisioneiros, falta de alimentação e exemplo para os demais prisioneiros. O recrutamento igualmente apresentava peculiaridades: entre os Castilhistas apresentava caráter mais livre, porém, entre os Federalistas, o mesmo não ocorria; quem não aderisse ao movimento era visto como inimigo, sendo também ameaçado de morte.

Na zona colonial, tal prática tornava-se mais constrangedora, pois inúmeros pais de famílias, civis e jovens eram usados como sentinelas e cobaias humanas para que se testasse a quantidade e a qualidade das forças adversárias. Outra importante característica observada eram as requisições. Os Castilhistas prometiam indenizações a quem lhes cedesse cavalos, gado, suínos e aves, produtos coloniais e ferramentas, no entanto tais promessas nunca foram cumpridas pelo governo. Já os Federalistas abusavam bem mais desse recurso, praticando violências, estupros, invasão domiciliar, incêndios e desordens de todos os tipos. Nestas horas, calar-se e colaborar significava preservar a própria vida, pois não havia a quem reclamar.

Para melhor compreensão da especificidade do tema, faz-se necessário uma breve análise da situação na qual se encontrava o município de Lajeado no contexto da Revolução Federalista (1893-95), pois Santa Clara, na época da Revolução Federalista, era uma destacada “Picada”, pertencente a Lajeado. Segundo informações orais, obtidas junto ao historiador HEISLER (2000), o município de Lajeado enfrentava sérios problemas de instabilidade política e econômica, devido à implantação “a ferro e a fogo” do sistema republicano. Apurou-se, em fontes bibliográficas, que houve duas ocupações da cidade de Lajeado. Uma, em 1893, e a outra, em 1894. Tais invasões ocorreram motivadas por vingança dos “caboclos”, ervateiros serranos da região e representaram o confronto e impacto de interesses e a questão de terras entre colonos alemães e lusos pobres, marginalizados.

SANTA CLARA DO SUL NO CONTEXTO DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Sabe-se que, originalmente, Santa Clara, pertenceu à “Vila do Príncipe”(Rio Pardo), sendo criada por Alvará régio em 27 de abril de 1809, junto com as localidades de Porto Alegre, Rio Grande e Santo Antônio da Patrulha. Segundo HEISLER (1995), essas terras eram de propriedade do senhor Antônio Fialho Vargas, rico fazendeiro, homem muito religioso, que, ao dividir suas terras em colônias (para venda), deu-lhes o nome de seus próprios filhos, lembrando-lhe o respectivo santo protetor. Surgiram, então, as localidades de “São Gabriel da Estrela”, hoje Cruzeiro do Sul; “Santo Inácio do Lajeado”, etc. Em homenagem à filha Clara, o fazendeiro “batizou” uma das colônias com o nome de Santa Clara. (p. 7)

Santa Clara não fazia parte das colônias reservadas para a imigração alemã, pois era uma colônia de propriedade particular. A colônia mais próxima, destinada à imigração alemã era Nova Berlim. A Picada de Santa Clara, como era conhecida na época (1893-95), teve como data de sua criação o ano de 1896. Neste mesmo ano, iniciou-se a penetração e instalação dos primeiros colonos alemães, prolongando-se até 1874. Tal colonização era promovida pelos padres missionários de Estrela e Lajeado que, visando garantir, na região, a presença de católicos de “elite”, motivaram os primeiros colonos, das antigas colônias do Vale do Caí e dos Sinos, a comprarem terras em Santa Clara.

Já na época da Revolução Federalista, no fim do século XIX, a Picada de Santa Clara apresentava-se como uma próspera colônia alemã que dispunha de terras férteis, clima favorável para a agricultura e boa localização geográfica. Seus habitantes eram alemães (quase que totalidade) e austríacos. Por tradição, homens extremamente religiosos, apegados à família e preocupados com a educação de seus filhos. Não tardou para que a prosperidade e riqueza da região despertasse interesses, tanto por parte dos Maragatos como também dos Pica-paus. Em linhas gerais, pode-se dizer que o objetivo principal de ambos os lados era extorquir, requisitar recrutas, gado e animais de montaria, armas e, sobretudo, víveres. Mas os motivos que realmente levaram a esta revolução, especificamente nesta região, eram bem mais complexos do que parecem. Primeiramente, temos de analisar a presença de um terceiro grupo político existente na região (Santa Clara do Sul), os chamados “maragatos serranos ou ervateiros”.

Sua história remonta à chamada Lei de Terras, de 1850, a qual proibia concessões fundiárias gratuitas. Também amparada nesta mesma Lei, o governo, e, principalmente, as companhias colonizadoras desalojavam as famílias que lá se encontravam sem títulos de propriedades. Tais famílias eram chamadas na época de “caboclos ou ervateiros”. Consistiam em gente de pouquíssimas posses, geralmente agregados das fazendas dos estancieiros da região, que se dedicavam ao cultivo da erva-mate.

Quando, em 1854, as imensas fazendas do lado direito do Rio Taquari foram loteadas e transformadas em colônias, tal contingente humano, que vivia na região, os caboclos, foi obrigado a abandonar suas terras e suas residências para se embrenharem nos matos e nas encostas dos morros, dando origem às localidades atuais de Quatro Léguas e São José do Erval. Toda essa gente foi abandonada à própria sorte, não recebendo amparo algum por parte do governo. Provavelmente, estes ervateiros ou serranos desconheciam os reais motivos que levaram a Revolução de 1893-95 para o nível estadual. Os mesmos estavam bem mais interessados na sua própria sobrevivência.

Lutavam, também, movidos por um grande sentimento de ódio e vingança contra os colonos alemães que haviam se instalado em suas antigas e férteis terras, onde gozavam de riqueza e prosperidade. Estavam a serviço dos chefes maragatos locais, que os organizavam em bandos heterogêneos, mal-armados, malvestidos e alimentados, devido ao grande número populacional que formavam. Suas táticas de guerras consistiam em ataques de surpresa ou emboscadas que realizavam nas áreas coloniais, cidades ou vilas desguarnecidas; furtos; pilhagens; invasões à propriedades; torturas; ameaças, chegando até a prática da degola.

Nessa região existia um grande chefe local, muito temido pelos colonos alemães e igualmente respeitado por seus subordinados (ervateiros). Tratava-se do maragato “Zeca Ferreira”. Sobre sua vida, tem-se pouco conhecimento, sabe-se apenas que residia em Quatro Léguas, atual Município de Boqueirão do Leão. Era um latifundiário que cultivava erva-mate, grande comerciante, chefe guerrilheiro, líder carismático, hábil e respeitado por seus agregados, tinha sob seu comando alguns subchefes. Tem-se notícias, obtidas em fontes orais, de que teria morrido algum tempo depois do término da Revolução, com aproximadamente 70 anos de idade, em sua fazenda em Quatro Léguas. Seu nome aparece intimamente ligado com o fato ocorrido no dia 28 de maio de 1895, na localidade de Santa Clara do Sul, para os colonos alemães da região de Santa Clara do Sul, representava o grande inimigo que, finalmente, foi vencido pelo esforço conjunto de seus moradores.

Santa Clara do Sul constituía na época, 1895, uma típica colônia alemã que, com exceção de quatro ou cinco moradores, mantinha-se fiel aos republicanos. Constitui-se este outro fator de grande aversão para os Maragatos em relação à Santa Clara. Vencer este reduto, predominantemente Republicano, era a chance que tanto esperavam para comemorar a vitória com mais entusiasmo.

28 DE MAIO DE 1895: COMBATE HISTÓRICO

Resolveu-se, descrever o fato ocorrido no dia 28 de maio de 1895, em Santa Clara do Sul, por ser um episódio que marcou muito a vida e a história desta região e porque, também, de certa forma, demonstra um exemplo do que foi a guerra civil da Revolução Federalista.

O tormento real dos santaclarenses iniciou quando tropas inimigas do líder maragato José Antônio de Souza, o Palmeira, dirigiram-se para Estrela, requisitando gado e gêneros alimentícios das picadas circunvizinhas. Palmeira era um índio analfabeto, que comandava, mais ou menos, trezentos a quatrocentos homens mal-armados e indisciplinados, os quais foram recrutados entre

moradores dos Ervais e do norte de Lajeado. Temiam os santaclarenses, que tropas inimigas pudessem invadir Santa Clara, fazendo-lhes requisições, causando sérios estragos para a prosperidade da região. No intuito de achar a melhor solução para este novo incidente, um morador prontificou-se a defender sua cidade. Tratava-se do senhor José Diel, habitante que organizou e comandou a reação de Santa Clara contra os Federalistas em 08/05/1895. Esses santaclarenses tentando evitar animosidades com o governo, pois os colonos alemães, tradicionalmente, colocavam-se ao lado da lei, procurou o coronel Santos Filho, propondo-lhe um acordo: ele e seus conterrâneos prontificavam-se em fornecer às tropas, mediante requisição, gêneros alimentícios e gado para abate; em troca pediam proteção a seus moradores. O acordo foi aceito. Os santaclarenses, por duas vezes, enviaram oito carroças carregadas de mantimentos para as tropas Legalistas, além de diversos bovinos. Em contrapartida, foram poupados de alguns ataques à região.

Os Maragatos realizaram diversas incursões nas picadas vizinhas à Santa Clara, nos primeiros meses de 1895. Tais invasões colocavam os santaclarenses em estado de alerta permanente, gerando com isso um clima de insegurança e constante angústia para seus moradores. Diante dos acontecimentos, na noite de 4/4/1895 os santaclarenses reunidos pediram ao Sr. José Diel que os liderasse na defesa de Santa Clara. Tal decisão foi reforçada pelo que ocorreu no dia seguinte, uma Sexta-feira Santa, em pleno meio dia. Vinte homens armados invadiram a Picada de Santa Clara praticando roubos. Por ter sido uma investida de surpresa e também em horário pouco costumeiro, os moradores pouco puderam fazer para se defenderem dos invasores Maragatos. Preocupado com a situação criada, José Diel tratou de dar início ao guarnecimento de Santa Clara, viajando a Lajeado e, conseguindo convencer o intendente Júlio May da necessidade de adquirir armas para a picada Santa Clara, registrada no Livro Especial para "registro de recebimento de armas de guerra", feito pelo intendente Júlio May. (Arquivo da Prefeitura).

Ao cair da noite do dia 27 de maio de 1895, véspera da invasão de Santa Clara, Zeca Ferreira e seu exército de Maragatos serranos armados, procedentes de Quatro Léguas, atravessaram Sampaio (Nova Berlim), invadindo a propriedade de Marcelus Heisler (tataravô da autora), na localidade de Sampaio, que dista cerca de sete a oito quilômetros de Santa Clara, pela estrada mais próxima. A noite transcorreu lentamente, tornando-se um martírio para a família Heisler que, prisioneira em seu lar, nada podia fazer vendo seus bens serem roubados, seus animais mortos para alimentarem a enorme tropa Maragata e seus mantimentos consumidos ou saqueados por eles.

O dia 28 de maio ainda não amanhecera no horizonte, quando a tropa de Zeca Ferreira deixou a propriedade de Marcelus, em Sampaio, rumo à

Picada de Santa Clara. A tropa dirigiu-se para Santa Clara usando a estrada por “Schustereck” e, antes do amanhecer do dia, já se encontrava próxima ao Morro do “Löbleinberg”, atualmente conhecido como “Morro dos Maragatos”.

Ao avistar a tropa Maragata, naquela manhã, 28 de maio de 1895, a sentinela deu o seu alarme e os sinais combinados passaram de casa em casa por toda a parte. Os sinos da capela tocaram. Os homens correram para seus postos. Mulheres e crianças correram para o mato, levando consigo o necessário.

Conforme relato do historiador FIRMBACH (1995), dos dez homens de guarda que perceberam a aproximação do inimigo, quatro foram para a picada e seis reagiram contra uma força de trezentos e cinquenta a quatrocentos inimigos. Contaram estes com o reforço de mais ou menos dez santaclarenses. Após quinze minutos de confronto, o coronel Diel reforçou a batalha com quinze homens. Também TRÄSEL (1969) esclarece que foi uma luta ferrenha e que, no total, cinquenta santaclarenses lutaram. Por fim, a valentia da tropa inimiga caiu por terra, ante o expressivo número de feridos. (Estimadamente trinta e cinco a quarenta). A fuga dos maragatos deu-se de forma desordenada. Durante essa retirada o subcomandante Nicolau Klein foi gravemente ferido em uma perna, a qual, posteriormente, foi amputada, mas ele conseguiu sobreviver. Ele foi o único santaclarenses ferido no combate do dia 28 de maio de 1995. Com essa vitória, a cidade louvou a Deus e a paz voltou a reinar em Santa Clara novamente.

Antes da noite, os chefes santaclarenses vasculharam as adjacências e o próprio campo de batalha, onde ainda encontraram dois ou três soldados Maragatos sem vida, que Zeca Ferreira não conseguira localizar e juntar para levar em seus cavalos na retirada. Os santaclarenses enterraram-nos na beira da estrada. No lugar, colocaram três cruzeiras pretas, sem inscrição alguma nelas. Neste local, hoje se encontra o monumento à vitória dos santaclarenses. Para os santaclarenses, a vitória, representa também uma vitória da fé, pois por serem extremamente religiosos e tementes a Deus, é a Ele que atribuem grande parte de sua vitória.

A derrota dos revolucionários que, logicamente, seriam os vencedores, causa espanto. Porém, se nos ativermos a alguns detalhes, veremos que a derrota teve suas razões para acontecer. Primeiro, a tropa maragata caracterizava-se por ser homogênea, indisciplinada, mal-armada, sem unidade de comando nem objetivos comuns definidos. Segundo, inexistia qualquer prática de treinamento militar e estratégico entre os combatentes maragatos e terceiro, havia uma grande aversão aos federalistas na região. Em contrapartida, constatou-se do lado republicano: primeiro, homogeneidade e disciplina entre os combatentes; segundo, armamento adequado; terceiro, unidade de comando e obje-

tivo comum para a luta; quarto, preparação estratégica previamente estabelecida e treinamento físico para o combate; quinto, uso de um sistema de sinais estabelecido entre os combatentes; sexto, forte religiosidade e sétimo, grande simpatia pela causa republicana do PRR, na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abertura para temas polêmicos, como a Revolução Federalista, dá oportunidade de analisar o que é, às vezes sufocado e relegado ao esquecimento. Daí a grande importância e valorização do estudo da história regional, pois é nela que se tem a oportunidade de estudar um determinado fato, fazendo-se um recorte no tempo e no espaço, dentro de um contexto mais amplo.

No transcorrer deste trabalho, observou-se a preocupação do governo estadual (PRR) com a instabilidade e as contradições da organização agrária no RS. Fazia-se necessário uma integração (brasileira) na economia internacional, uma vez que estavam em jogo interesses diversos de muitos latifundiários e alguns pecuaristas, além de setores emergentes do comércio e indústria e profissionais liberais. Atender a esses interesses e consolidar-se no poder era objetivo e tarefa do PRR. Para tanto, muitas reformas e medidas foram adotadas pelo governo. Segundo KLIEMANN (1986, p.48), destacam-se: modificações do imposto de transmissão de propriedade e exportação; instituição do imposto territorial; proliferação e legislação sobre colonização, partilha e reavaliação de terras públicas e particulares; criação de créditos e prêmios rurais, escolas agrícolas, cooperativas e associações de classes, e outras. Tais medidas visavam atender a questões relativas à má distribuição, medição e legitimação de terras que se somavam à escassez de terrenos férteis devolutos na área, primeiramente destinada à colonização.

Transportando-nos para a região do Vale do Taquari, observa-se que as preocupações eram as mesmas, ou seja, a vitória dos imigrantes alemães da região (Santa Clara do Sul) e os maragatos ervateiros traduzem também, de certa forma, a vitória política e ideológica regional do governo do Estado (PRR), consolidando-se desta forma o triunfo da “Ordem e Progresso”, anunciada pelo projeto positivista deste.

Conclui-se, portanto, que, além de uma expressiva vitória política e ideológica sobre os maragatos, os santaclarenses obtiveram também um triunfo étnico, ou seja, processou-se uma vitória da cultura germânica sobre a brasileira. Desta forma, saem os colonos enaltecidos desta batalha, por serem bravos, valentes, tradicionalmente do lado da lei. Como tal contingente imigratório é útil ao Estado, este passa também a enaltecê-lo, transformando Santa Clara em um modelo a ser seguido pelas demais colônias alemãs no

RS. É preciso espelhar-se em Santa Clara, defender com a própria vida, se for necessário, sua propriedade, sua nova pátria. Tal atitude expressa o símbolo do “imigrante”, o novo rio-grandense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. 1993. Um animal enjaulado no pampa. **Zero Hora**. Porto Alegre, 1º de maio, p. 8.

CENTENO, Airton. 1978. Diante da faca de Adão de Latorre, o prisioneiro gritou.: Degola, negro! **Coorjornal Especial**. Santa Maria, ago, p.25.

COPETTI, Thiago. 2000. A vitória dos colonos sobre os Maragatos. **Zero Hora**. Porto Alegre, 28 de maio, p.18.

FÉLIX, Loiva Otero. 1995. Monarquia e República: Gaspar e Júlio. Os Heróis na fala de Chimangos e Maragatos... ou... contrabando, corrupção, fraudes e beneplácitos na fala do historiador. In: RAMBO, Arthur Blásio; FÉLIX, Loiva Otero. **Revolução Federalista e os teutos-brasileiros**. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. 1995. Tradução Introdução e Notas. In: FIRMBACH, Theodor. **Santa Clara o Combate Federalista**. Porto Alegre: Nova Dimensão.

GUTFREIND, Ieda. 1995. A Revolução Federalista: o apelo à revolução e projetos políticos. In: RAMBO, Arthur Blásio; FÉLIX, Loiva Otero. **Revolução Federalista e os teutos-brasileiros**. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS.

HAISLER, Cláudio Affonso. 1994. **Relato sobre a Pousada dos Maragatos na casa de Marcelus Haisler em Sampaio**. (Datilografado): Canoas. 5p.

HEISLER, Cláudio Affonso. 1995. **Os Maragatos em Santa Clara**. 4ª ed. Canoas.

KLIEMANN, Luiza Helena Schimitz. 1986. O Regime Republicano e a Política Agrária. In: KLIEMANN, Luiza Helena Schimitz. **RS: Terra e Poder - história da questão agrária**. Porto Alegre: Mercado Aberto.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. 1988. A república dos gaúchos e a construção de um “projeto regional”. In: PESAVENTO, Sandra J. **A Burguesia Gaúcha**. Porto Alegre: Mercado Aberto.

SCHIERHOLT, José Alfredo. 1995. Ações Militares da Revolução Federalista no Vale do Taquari. In: RAMBO, Arthur Blásio; FÉLIX, Loiva Otero. 1995. **Revolução Federalista e os teutos-brasileiros**. São Leopoldo: UNISINOS; Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS

_____. 1989. A Revolução no Vale, In: SCHIERHOLT, José Alfredo. **Revolução Federalista no Vale do Taquari**. Porto Alegre: Arte & Cultura.

TRÄSEL, Pe. Alberto. 1969. Álbum Jubilar de Santa Clara do Sul 1869-1969. **Jornal Comemorativo**. Santa Clara do Sul, p.8-38.

FONTES ORAIS

BRAUN, Ângelo. 2000. Entrevista a Cláudio Affonso Haisler. Santa Clara do Sul, Sede Municipal, 16/10/2000.

GOERGEN, Noeli. 2000. Entrevista à Carmem Lucia Weber Castro. Santa Clara do Sul, Sede Municipal, 07/01/2000.

HEISLER, Cláudio Affonso. 2000. Entrevista à Carmem Lucia Weber Castro. Canoas, Bairro São José, 10/01/2000.

KLEIN, Odilo. 2000. Entrevista à Carmem Lucia Weber Castro. Santa Clara do Sul, Sede Municipal, 07/01/2000.

RICHTER, Ricardo Andre. 2000. Entrevista à Carmem Lucia Weber Castro. Santa Clara do Sul, Sede Municipal, 07/01/2000.

SCHIENEIDER, Aloísio. 2000. Entrevista à Carmem Lucia Weber Castro. Santa Clara do Sul, Sede Municipal, 07/01/2000.

SILVA, Heda Irena Diel. Entrevista à Carmem Lucia Weber Castro. Canoas, 10/01/2000.

FONTES DOCUMENTAIS

ATA de Sessão Ordinária do Conselho Municipal da Villa de Lajeado do dia 15 de outubro de 1896, 3 fls.

ATA de Sessão Ordinária do Conselho Municipal da Villa de Lajeado do dia 3 de novembro de 1896, 3 fls.

KLEIN, Nicolau. 1895. **Ficha de Internação**. Porto Alegre (RS). Arquivo Histórico CEDOP- ISCMPA.

_____. 1896. **Requerimento**. Lajeado (RS). Biblioteca Pública Municipal João Frederico Scraan.

PREFEITURA Municipal de Santa Clara do Sul, ofício nº 291/97, do Prefeito José Antônio Adams e o Secretário Angelo Braum para Leandro Lampert.

REGISTRO de Entrada de Enfermos de 1893-1897 da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, livro n.7. Atestado de Internação de Nicolau Klein. Porto Alegre, 17 de setembro de 1999.